

A “nova classe média” e a ciência

Texto publicado em 12 de Agosto de 2008 -

por Carla Diéguez *

Na semana passada, uma notícia (Jornal O Estado de São Paulo, 08/08/2008) colocou milhões de brasileiros na classe média. O Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) e a Fundação Getúlio Vargas (FGV) liberaram dados de pesquisas nas quais, segundo o IPEA até o final do ano 3 milhões de moradores das regiões metropolitanas brasileiras sairão da pobreza adentrando a classe média, enquanto a FGV diz que mais da metade da população dessas regiões já pertence a essa classe. Porém, existe algo que, sociologicamente, não condiz com a concepção de classe.

Classe é um conceito que adquire diversas concepções, conforme a orientação teórica impressa. Porém, para não fugirmos da concepção clássica, falemos do modelo marxista. Nesse caso, classe refere-se à posição que os indivíduos ocupam nas forças produtivas. Porém, tal como esboçava Karl Marx, a classe existe em dois momentos, em si e para si. A “classe em si” condiz apenas com a posição nas forças produtivas, ou seja, na definição clássica, burgueses e proletariados, determinados pela condição, respectivamente, de detentores dos meios de produção e detentores da força de trabalho. Mas, tal fato não quer dizer que haja por ambas as partes, um reconhecimento da sua posição e mais, uma consciência da existência de um grupo nas mesmas condições. Já “a classe para si” relaciona-se a tomada de consciência dos indivíduos e o reconhecimento de que existem outros na mesma posição social que a sua, o que imprime não apenas uma condição econômica, mas cultural e social, como bem ressaltado por um dos maiores historiadores marxistas, Edward Palmer Thompson [1].

Ou seja, o que podemos ver na definição apresentada pelo IPEA e pela FGV é a idéia de classe em si, que coloca um grande número de pessoas em determinada classe sem que elas expressem um comportamento típico dessa classe. Mais do que reunir indivíduos que partilham entre si idéias, comportamento, vontades, interesses, eles apenas colocam no mesmo bojo pessoas que, diferente da tese marxista que define classe segundo a posição nas forças produtivas, partilham uma mesma faixa de renda.

Tais pessoas podem ser operários, mas também podem ser micro-empresários, donos de pequeninos negócios em bairros afastados, que garante mensalmente uma renda em torno de R\$ 1.500,00, pouco suficiente para garantir a sobrevivência em uma grande metrópole. Porém, apesar de partilharem de uma mesma faixa de renda, esses dois tipos possuem diferenças. O primeiro é operário, submete-se ao empresário e a um controle do trabalho típico do novo capitalismo. O seguinte é o dono do negócio, não presta contas a ninguém, a não ser ao governo, para quem, caso seja um negócio formal, deve pagar impostos. Por mais que partilhem da mesma faixa de renda, seu comportamento e sua mentalidade não irão expressar essa faixa, mas sim, a condição de trabalho a que estão submetidos.

No caso das pesquisas divulgadas, o termo classe não cabe, pois eles apenas expressam a classificação dada aos indivíduos conforme a sua faixa de renda. A pesquisa que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realiza atualmente, na qual avalia desde a composição da renda aos hábitos dos moradores, pode sim nos dar uma amostra da formatação das classes sociais no Brasil.

Lembrando o sociólogo inglês Anthony Giddens, a sociologia toma as ruas ao tornar-se parte do vocabulário dos indivíduos, os tipos médios que fazem parte da nossa sociedade e constroem o pensamento partilhado pela maioria da sociedade, aquilo que chamamos de senso comum, que pode parecer perjurativo, porém só quer dizer que é aquilo que a maioria da sociedade constrói como pensamento único, partilhado em consenso entre os indivíduos. Nesse sentido, o termo classe torna-se parte desse vocabulário. Porém, cabe a sociologia esclarecer que tais termos têm concepções teóricas e que suas utilizações devem ser avaliadas.

O objetivo desse artigo é esse, apresentar ao leitor a importância que o conhecimento científico tem na vida dos indivíduos. Ao conhecer as concepções teóricas sobre classe, por exemplo, o indivíduo é capaz de discernir a que ponto, dados como os apresentados podem ser ou não verdadeiros, ou mesmo como tais construções podem afetar sua vida. A ciência é necessária e deve estar presente na vida de todos, como forma de autoconhecimento e auto-preservação diante das inúmeras informações bombardeadas diariamente.

[1] Thompson escreveu diversas obras sobre a formação da classe operária e o processo de tomada de consciência. Porém, a mais conhecida e considerada uma de suas obras-primas é *A Formação da Classe Operária Inglesa*, publicada em 3 volumes e editada no Brasil pela Paz e Terra.